

## » Janine Puget

Ter sido convidada pelo corpo editorial de *Calibán* para prestar uma homenagem à Janine Puget é tanto uma honra quanto uma responsabilidade. Não só por se tratar de *Calibán*, revista latino-americana de singular nível editorial, mas também – e, evidentemente – por se tratar de Janine Puget: psicanalista franco-argentina, autora, desbravadora, mulher, plural, precursora de ideias e de um viés psicanalítico por vezes tão original que sustentou, sem recuar, ser muitas vezes tachada de não psicanalista.

Embora identificada, na maioria das vezes, como analista das relações vinculares, ou seja, psicanalista das relações entre casais e família, Janine expande a noção de vincularidade para falar do humano inserido no mundo; o sujeito humano que se constitui e se subjetiva para além do seu mundo interno, ou exclusivamente a partir de suas relações com objetos primários relacionando-se, em análise, com a representação desses objetos internos. Janine (2015) propõe um sujeito “que já não é mais o centro de seu mundo: que vai se fazendo com outros” (p. 23)<sup>2</sup>. “Trata-se”, segue ela:

de uma outra ferida narcísica que se agrega às já conhecidas, dado que, além do mais, faz com que nos enfrentemos com uma nova incompletude do ser humano. [...] uma que diz respeito aos conjuntos, às cenas, às formulações, uma vez que nem com a soma de dois ou mais mundos se atinge uma totalidade. (p. 23)

Janine se dedicou a uma variedade de temas que nos dizem respeito como sujeitos sociais e singulares, àquilo que se convencionou chamar de *extramuros*, evidenciando que a escuta e o fazer psicanalítico se estendem para muito além da clínica dita padrão. Escreveu sobre: violência social e de estado, sobre trauma social, sobre o feminino. Coordenou um Comitê da Associação Internacional de Psicanálise (IPA, por suas siglas em inglês) sobre Preconceito e Antissemitismo, tema sobre o qual – sinto-me orgulhosa em dizer – apresentamos juntas um trabalho no congresso de Chicago, em 2009.

Janine me ensinou que *preconceito* não é somente aquilo de que não gostamos em relação ao outro diferente de nós mesmos, disfarçadamente ou não. Mais do que isso, faz com que nós, psicanalistas, movidos pelo medo do desconhecido, sustentemos e reafirmemos teorias por nós conhecidas arriscando adaptar o paciente – ou, o outro – às nossas teorias, ficando impedidos de olhar para um outro singular, radicalmente diferente e inabarcável. Nunca me senti tratada exclusivamente como aprendiz – embora eu a considerasse uma mentora –. Ela genuinamente se interessava pelo que eu e pelo que outros do grupo – muito diferentes dela – tinham a dizer, ainda que discordasse sem ressalvas.

Mais recentemente, seu trabalho sobre *mundos superpostos*, desenvolvido com Yolanda Gampel, foi usado e reusado para dar nome às vivências tanto de analistas quanto de analisandos, vivendo/sobrevivendo sob a lógica do *acontecimento*, como ela mesma definiu em uma das recentes *webinar* (Puget e Gampel, 2020) sobre o evento que nos tomou a todos: o coronavírus.

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.  
1. N. da A.: Nesta e nas próximas citações a tradução é livre.

Numa troca de WhatsApp, já durante a pandemia – E, sim! Aquela senhorinha com aspecto delicado e de idade avançada manejava a tecnologia e jamais deixou de responder um WhatsApp ou um e-mail –, dava supervisões online há muito tempo e até entrevistas em podcast e YouTube – disse-me, em tom de gracejo, quando lhe contei que vinha sendo frequentemente citada aqui no Brasil: “*parece que de golpe me puse de moda*”, sem parecer dar-se conta de sua importância como pensadora e psicanalista de vanguarda.

Os estudos dos vínculos, em grande parte realizados conjuntamente com Isidoro Benenstein, abriram um novo campo conceitual para fazer frente, como descreve em seu último livro, à constatação de que:

a subjetividade acontecia em diferentes espaços, e que cada um deles tinha seus próprios mecanismos e sua própria lógica. Assim, resultava empobrecedor seguir pensando que todos os processos de constituição subjetiva eram provenientes de uma lenta transformação de um estado inicial primitivo. A partir daí nasceu a ideia de lógicas e espaços superpostos conectados por descontinuidades. (Puget, 2015, p. 12)

Um novo acervo de vocábulos entra em cena nos dando recursos alternativos para pensarmos o mundo e as relações entre os sujeitos do e no mundo: *lógica de um e lógica de entre-dois*, *vincularidade*, sujeito de *apresentação* ou de *presença* em oposição à *representação*, *efeitos de presença* e de *impresença*; a noção de *ajenidad* e de *alteridade radical*, a *ilusão da permanência* em oposição à noção de *descontinuidade* e *incerteza (incertidumbre)* alçados à categoria de princípios constitutivos do sujeito; os conceitos de *testigo* e *testimonio* nas experiências traumáticas e de possibilidade de alguma forma de elaboração do mesmo no interior de uma relação vincular.

Janine não era apenas uma teórica. Vivía, de fato, da maneira que pensava. Não ficava estacionada lamentando o sucedido, mas, ao contrário, levava a descontinuidade como forma de permanentes remanejamentos de vida e de recomeços.

Reafirmava sempre a ideia de que o agora é sempre novo, inédito. E que é preciso evitar nos deixarmos levar pela tentação de explicar o mundo pelo já conhecido a fim de evitar a vivência de turbulência promovida pelo novo. Novamente, já em isolamento – distante de seus familiares mais próximos que viviam em Paris – e acometida por sua fragilidade pulmonar que a deixava fraca, disse-me a respeito da situação em que nos encontrávamos:

*Posso trabalhar e dar conferências graças à internet e então poderia dizer que graças aos coronas ... faz parte dessas contradições da vida que algo que tem produzido tanta mudança, nem sempre boa, também possa servir para pensar de novo as relações humanas ...*

Janine Puget manteve uma mente ativa e aguçada até os últimos dias de sua vida. Vários de nós a viram uns três dias antes de sua morte debatendo acalorada e amigavelmente com Marcelo Viñar na mesa de encerramento do último Congresso da Fepal, sempre reafirmando a mente como singular não coincidente com outros. Amigar-se com as diferenças era seu moto.

Deixa um grande legado! Seu último livro *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: Incertidumbre y certezas* (2015) pode ser lido como um livro de I-Ching, despertando questionamentos e reflexões a cada nova leitura. Foi um grande privilégio ter podido conviver com Janine Puget!

### REFERÊNCIAS

- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: Incertidumbre y certezas*. Buenos Aires: Lugar.  
Puget, J. e Gampel, Y. (2020). *¿Qué hay de nuevo en este mundo en cambio?* [webinar]. International Psychoanalytical Association. Disponível em: [https://www.ipa.world/IPA/en/IPA1/Webinars/Que\\_hay\\_de\\_nuevo\\_webinar.aspx](https://www.ipa.world/IPA/en/IPA1/Webinars/Que_hay_de_nuevo_webinar.aspx)